

# Psicanálise *OU* racismo<sup>1</sup>

---

Sidi Askofaré  
Tradução de Vera Edington  
Revisão de Bárbara Guatimosim

## Resumo

O artigo aborda a relação entre a psicanálise e o racismo, um tema frequentemente subestimado pelos psicanalistas, especialmente na Europa. Questiona se essa negligência decorre de indiferença no meio psicanalítico em relação à sociologia. No entanto, ele se compromete a abordar a questão, reconhecendo sua complexidade e abrangência. Tece uma crítica à abordagem convencional de tratar o racismo a partir do nome de um autor psicanalítico, como “Freud e o racismo” ou “Lacan e o racismo”, argumentando que isso limita a compreensão do problema. Em vez disso, propõe uma análise mais ampla, considerando como a psicanálise nasceu em sociedades racialmente homogêneas e como a questão da alteridade foi inicialmente apresentada em termos de religião, linguagem, classe social e sexualidade. Discute a evolução do conceito de raça na psicanálise, destacando que essa se afasta do naturalismo biológico e não sustenta uma hierarquia essencialista entre grupos humanos. Enfatiza que a psicanálise se baseia na diferença e na linguagem, opondo-se fundamentalmente ao racismo. Argumenta que a psicanálise não pode ficar indiferente ao racismo por causa de sua história, especialmente sua interação com a história da colonização e descolonização. Ressalta que, atualmente, a psicanálise é desafiada pela questão racial e social, e a alternativa é nítida: psicanálise ou racismo. Aponta a incompatibilidade entre a psicanálise e o racismo, destacando a importância de a psicanálise contribuir para a luta contra o racismo em todas as suas formas.

## Palavras-chave:

Psicanálise; Racismo; Segregação.

## Psychoanalysis *OR* racism

## Abstract

The article addresses the relationship between psychoanalysis and racism, a topic often underestimated by psychoanalysts, especially in Europe. It questions whe-

---

<sup>1</sup> Conferência proferida na sessão de abertura das atividades do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro (FCL-RJ) em março de 2022, com participação de Antonio Quinet e de Elisa Cunha como debatedora. A Comissão de Relações Étnico-raciais, Diversidade e Equidade se encarregou de cuidar das traduções. A do francês para o português foi realizada por Vera Edington com revisão de Bárbara Guatimosim. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=jmOiHfWI4IM>

ther this neglect stems from indifference within the psychoanalytic community towards sociology. However, it commits to addressing the issue, recognizing its complexity and scope. It offers a critique of the conventional approach of addressing racism by associating it with the name of a psychoanalytic author, such as “Freud and racism” or “Lacan and racism,” arguing that this limits the understanding of the problem. Instead, it proposes a broader analysis, considering how psychoanalysis originated in racially homogenous societies and how the issue of alterity was initially presented in terms of religion, language, social class, and sexuality. It discusses the evolution of the concept of race in psychoanalysis, emphasizing that psychoanalysis moves away from biological naturalism and does not support an essentialist hierarchy among human groups. It highlights that psychoanalysis is rooted in difference and language, fundamentally opposing racism. It argues that psychoanalysis cannot remain indifferent to racism due to its history, especially its interaction with the history of colonization and decolonization. It emphasizes that, currently, psychoanalysis is challenged by racial and social issues, and the choice is clear: psychoanalysis or racism. It points out the incompatibility between psychoanalysis and racism, highlighting the importance of psychoanalysis contributing to the fight against racism in all its forms.

### **Keywords:**

Psychoanalysis; Racism; Segregation.

## **Psicoanálisis O racismo**

### **Resumen**

La psicoanálisis aborda la relación entre el racismo y la segregación en un artículo que a menudo es subestimado por los psicoanalistas, especialmente en Europa. Cuestiona si esta negligencia se debe a la indiferencia en la comunidad psicoanalítica hacia la sociología. Sin embargo, se compromete a abordar el tema, reconociendo su complejidad y alcance. Ofrece una crítica al enfoque convencional de abordar el racismo asociándolo con el nombre de un autor psicoanalítico, como “Freud y el racismo” o “Lacan y el racismo”, argumentando que esto limita la comprensión del problema. En su lugar, propone un análisis más amplio, considerando cómo la psicoanálisis se originó en sociedades racialmente homogéneas y cómo la cuestión de la alteridad se presentó inicialmente en términos de religión, lenguaje, clase social y sexualidad. Discute la evolución del concepto de raza en la psicoanálisis, enfatizando que la psicoanálisis se aleja del naturalismo biológico y no respalda una jerarquía esencialista entre grupos humanos. Destaca que la psicoanálisis se basa en la diferencia y el lenguaje, opo-

niéndose fundamentalmente al racismo. Argumenta que la psicoanálisis no puede permanecer indiferente al racismo debido a su historia, especialmente su interacción con la historia de la colonización y la descolonización. Subraya que, en la actualidad, la psicoanálisis se enfrenta a desafíos relacionados con cuestiones raciales y sociales, y la elección es clara: psicoanálisis o racismo. Señala la incompatibilidad entre la psicoanálisis y el racismo, resaltando la importancia de que la psicoanálisis contribuya a la lucha contra el racismo en todas sus formas.

### **Palabras clave:**

Psicoanálisis; Racismo; Segregación.

## **Psychanalyse OU racisme**

### **Résumé**

L'article aborde la relation entre la psychanalyse et le racisme, un sujet souvent sous-estimé par les psychanalystes, notamment en Europe. Il remet en question si cette négligence découle de l'indifférence au sein de la communauté psychanalytique envers la sociologie. Cependant, il s'engage à aborder la question, reconnaissant sa complexité et son ampleur. Il offre une critique de l'approche conventionnelle consistant à associer le racisme au nom d'un auteur psychanalytique, tel que « Freud et le racisme » ou « Lacan et le racisme », en arguant que cela limite la compréhension du problème. Au lieu de cela, il propose une analyse plus large, en considérant comment la psychanalyse a émergé dans des sociétés racialement homogènes et comment la question de l'altérité a été initialement présentée en termes de religion, de langage, de classe sociale et de sexualité. Il examine l'évolution du concept de race en psychanalyse, soulignant que la psychanalyse s'éloigne du naturalisme biologique et ne soutient pas de hiérarchie essentialiste entre les groupes humains. Il met en avant le fait que la psychanalyse est enracinée dans la différence et le langage, s'opposant fondamentalement au racisme. Il argumente que la psychanalyse ne peut pas rester indifférente au racisme en raison de son histoire, en particulier de son interaction avec l'histoire de la colonisation et de la décolonisation. Il souligne que, actuellement, la psychanalyse est confrontée à des questions raciales et sociales, et le choix est clair : psychanalyse ou racisme. Il souligne l'incompatibilité entre la psychanalyse et le racisme, mettant en avant l'importance de la contribution de la psychanalyse à la lutte contre le racisme sous toutes ses formes.

### **Mots-clés :**

Psychanalyse ; Racisme ; Ségrégation.

Boa noite a todas e a todos.

Para começar, eu gostaria de agradecer a meus colegas e amigos do Rio de Janeiro, principalmente a Antonio Quinet, que foi o porta-voz do convite para esta sessão inaugural das atividades do Fórum de vocês.

Para esta sessão, vocês escolheram um tema importante, mas infelizmente muito pouco discutido pelos psicanalistas, notadamente na Europa: psicanálise e racismo. Devemos ver aí um sintoma ou simplesmente uma indiferença, uma indiferença relacionada com a sociologia do meio psicanalítico?

No que me concerne, eu intitulei minha pequena contribuição desta noite não *Racismo e psicanálise*, mas *Racismo ou psicanálise*, com o acento colocado no ou exclusivo.

Isso dito, não vou me furtar ao tema da maneira tal como vocês o formularam, mesmo se esse tema, em última análise, deva ser subvertido.

Em se tratando de um tema como o racismo, ele é geralmente abordado, em nosso campo, a partir do nome de um autor ou mesmo do fundador. Então, não será difícil encontrar numerosas publicações que tratem de “Freud e o racismo”, “Lacan e o racismo” ou “X e o racismo”. O que pode ter seu interesse, não o contesto, mas uma tal perspectiva também limita o alcance e o que está em jogo na questão. Pois o que traria tal investigação senão identificar os enunciados em tal autor-psicanalista, que atestariam seu racismo ou seu antirracismo, que o revelariam por meio de temáticas ou problematizações, ou que fariam um inventário de suas condenações ou denúncias explícitas de teorias, práticas ou condutas racistas?

Mas podemos considerar, de alguma forma, que um ou outro engajaria o discurso psicanalítico como tal?

Não penso assim. Especialmente, porque ficaria tentado a aplicar a Freud e a Lacan — mas também a todos os outros analistas — o que Edward Said disse em sua famosa conferência proferida no Museu Freud, em Londres, em 6 de dezembro de 2006, “Freud e o mundo extraeuropeu”:

Procuo sempre compreender as figuras do passado que admiro, mesmo quando defendo o quanto estão presas às perspectivas do seu próprio momento cultural, para me ater ao olhar que carregam sobre outros povos e culturas. O que estou tentando transmitir, então, é que é imperativo lê-los como autores intrinsecamente significativos para um leitor extra-europeu ou não-europeu ocidental contemporâneo, que se apressa em rejeitá-los completamente porque eles são desumanizadores ou porque eles não teriam se interessado suficientemente pelos povos colonizados (...), ou os liam, por assim dizer, “acima das circunstâncias históricas em que se encontravam imersos no mesmo nível”. (Said, 2004, pp. 38-39)

Então, meu ponto de partida será menos os textos ou as opiniões de tal ou tal psicanalista, mas a constatação seguinte: a psicanálise, como prática e como saber, nasceu — é um fato histórico — em sociedades (*grosso modo*, o Império austro-húngaro) racialmente (homogêneas), se considerarmos que a “raça” se distingue da etnia.

O que quer dizer, no mínimo, que a questão do Outro, a questão da alteridade, que é colocada em seu âmago, apresentou-se a ela (à psicanálise) sob figuras diferentes da raça. Principalmente sob a forma da alteridade confessional (de diferentes religiões), da alteridade linguística (de línguas diferentes), da alteridade social (de classes sociais diferenciadas), da alteridade sexual (a entender como a sexualização e as sexualidades).

A partir daí, a questão: o que se torna a psicanálise em sociedades racializadas, mesmo em sociedades racistas?

1. Questão difícilíssima, e mesmo considerável, à qual é impossível respondermos diretamente sem passarmos por uma série de requisitos como os do encontro da psicanálise com a questão racial e racista, portanto com a questão da colonização (da dominação colonialista), com a questão da sociologia da psicanálise, com a questão econômica (quem pode “pagar” por uma psicanálise?), com a questão das condições culturais do acesso à psicanálise, com a questão dos modos de propagação do discurso psicanalítico e, em última análise *in fine*, com a questão da formação dos analistas.

Vejam a amplitude do programa e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de tratá-lo mesmo superficialmente no tempo que me foi concedido.

Vou me deter sobre o termo do racismo — que é ofuscado por aqueles da segregação e da discriminação — que sua sessão de abertura esta noite articula à psicanálise.

Na verdade, a questão racial — se podemos, se queremos e se devemos distingui-la do racismo propriamente dito —, a questão racial estava lá, presente, na pré-história da pré-história da psicanálise. De fato, quando Freud tratou de fazer sua “Autoapresentação”, em 1925, ele escreveu o seguinte:

A universidade, que passei a frequentar em 1873, trouxe-me inicialmente algumas claras decepções. Deparei com a insinuação de que eu deveria me sentir inferior e estrangeiro por ser judeu. Rejeitei decididamente o primeiro adjetivo. Nunca pude compreender por que deveria me envergonhar de minha origem — ou, como as pessoas começavam a dizer, de minha raça. (Freud, 1925/2011, p. 79)

O que Freud indica aqui é, de fato, o advento progressivo de algo novo, a saber, a passagem de uma percepção do outro fundado na língua, na religião ou nos costumes para um sistema de percepção do outro fundamentalmente essencialista e naturalizante, para não dizer fenotípico.

De fato, é isto, antes de tudo, o racismo, em um nível teórico: uma assimilação e uma confusão entre o biológico, o sociológico e o psicológico. Uma teoria que

depois se degrada em uma ideologia que eu chamaria de sincrética, que é o extremo oposto de um pensamento analítico que visa a trazer à luz os processos e o estabelecimento de regularidades e leis.

Ao dizer isso, vocês terão compreendido que aquilo contra o que me levanto é a ideia de um “racismo universal” ou um “racismo generalizado”, a ideia que afirma, e de certa forma desculpa, minimiza e “absolve”, o racismo, pois, como o bom senso do senhor Descartes, seria a melhor coisa compartilhada no mundo.<sup>2</sup>

O racismo não é uma atitude, uma opinião ou um modo de tratamento da alteridade e da diferença como qualquer outro, na medida em que faz a alteridade passar do regime de estranhamento ao do heterogêneo, portanto do inassimilável.

Bem, desse racismo como ideologia, o que se pode dizer? Diria que, como sistema de opiniões, atitudes e comportamentos, em relação a um grupo humano, (o racismo como eu compreendo) é uma ideologia que se assenta numa tríplice postulação que funda sua economia política:

- a) Existe não apenas uma raça humana, mas raças humanas.
- b) Existe uma hierarquia dessas raças, das inferiores às superiores.
- c) Donde, nesse discurso (em consequência desses dois princípios), sua desigualdade de princípio e sua dignidade desigual. O que dá a alguns o direito de submeter, dominar e explorar os outros e, incidentalmente, o dever de “civilizá-los”.<sup>3</sup>

---

2 « *Le bon sens est la chose du monde la mieux partagée* » — frase com a qual René Descartes abre seu *Discurso do método*. (N.T.)

3 O mais puro concentrado dessa ideologia, não há necessidade de buscá-lo nos hediondos. Basta ler Renan: “A regeneração de raças inferiores ou abastardas por raças superiores está na ordem providencial da humanidade. O homem do povo é quase sempre, em casa, um nobre rebaixado, sua mão pesada é muito mais bem-feita para segurar a espada do que a ferramenta servil. Em vez de trabalhar, ele escolhe lutar, ou seja, ele volta a seu primeiro estado. *Regere imperio populos*, essa é nossa vocação. Despeje essa atividade devoradora em países que, como a China, clamam pela conquista estrangeira. Quanto aos aventureiros que perturbam a sociedade europeia, façam com eles um *versacrum* [(Primavera Sagrada) era uma tradição italiana anterior ao Império Romano pela qual parte da população jovem era expulsa da comunidade, para que saísse à procura de outras terras, onde criaria uma nova tribo], um enxame como os dos francos, lombardos e normandos, e todos estarão em seu papel. A natureza criou uma raça de trabalhadores: é a raça chinesa, com uma destreza de mão maravilhosa, com quase nenhum sentimento de honra; governem-na com justiça, tirando dela, para o benefício de um tal governo, um amplo dote para o benefício da raça conquistadora; ela ficará satisfeita; uma raça de trabalhadores da terra é a negra; sejam bons e humanos com ela, e tudo estará em ordem; uma raça de mestres e soldados, essa é a raça europeia. Reduzam essa nobre raça a trabalhar no ergástulo [na Roma Antiga, ergástulo era o calabouço onde eram confinados os escravos] como os negros e chineses, ela se revolta. Todo rebelde é mais ou menos um soldado que frustrou sua vocação entre nós, um ser feito para uma vida heroica, e que vocês destinam a uma tarefa contrária à sua raça: um mau trabalhador, um soldado muito bom. Agora, a vida que revolta nossos trabalhadores faria a felicidade de um chinês, de um *féla* [camponês do norte da África], que não são militares. Deixe todos fazerem aquilo para que são feitos, e tudo ficará bem” (Renan, E. *La réforme intellectuelle et morale*. Paris: Calmann Lévy Editeur, 1884 citado por Césaire, 2020, pp. 19-20).

É por isso que a redução do racismo à segregação, além de atenuar e generalizar o racismo, não apenas o despolitiza, mas também o dessexualiza, silenciando, notadamente, as fantasias que sustentam e nutrem uma série de comportamentos racistas, bem como os motivos inconscientes dos afetos aferentes. Só que confundir o “racismo das sociedades e das culturas” (muito bem destacado por C. Castoriadis [1990, pp. 29-46]), o “racismo dos discursos” (do qual fala Lacan) e o racismo dos indivíduos-sujeitos é também e sobretudo apagar algo maior: o racismo como discurso que justifica a dominação, a exploração, o desprezo, a humilhação e até mesmo o ódio. Há uma economia política do racismo que explica que ele é necessariamente acompanhado de interesses particulares de sujeitos ou grupos, de modo que é impensável que uma sociedade escravagista ou colonialista, e não é para vocês, brasileiros, que vou ensinar isso, esteja livre do racismo. O que a psicanálise pode trazer à luz e esclarecer é como os sujeitos incorporam essa ideologia e que uso de gozo eles fazem disso.

2. Com base no que precede, insistirei sobretudo em dois pontos, na tentativa de articular a “relação” da psicanálise com o racismo: o naturalismo biológico e a hierarquia essencialista.

Do primeiro, do naturalismo biológico, eu diria que é aquilo de que Freud, apesar de sua formação como médico, se afastou. Freud se emancipou com a descoberta do inconsciente e com sua invenção do dispositivo psicanalítico. Sabemos que esse é todo o valor e tudo o que está em jogo em seu conceito de pulsão (*Triebe*), que ele distingue severamente tanto do instinto quanto da necessidade. E que mesmo Freud vai conservar da hereditariedade apenas uma forma simbólica, por assim dizer, aquela que afirma que o supereu e o ideal do eu se transmitem de uma geração a outra.

Eu acrescentaria que isso é ainda mais verdadeiro para a opção lacaniana, que, por seu axioma da estrutura de linguagem do inconsciente, seu sujeito do significante, e mesmo por seu conceito de “falasser”, vai situar radicalmente a psicanálise do lado de lángua, da linguagem e da língua, do parentesco, da religião e da ciência; enfim, do Simbólico. Isso é o que, na memória de um linguista ou antropólogo, só é fundado e sustentado por diferenças.

Da segunda, a psicanálise se situa nos antípodas. Claro, podemos reprovar os primórdios da psicanálise e certa orientação que há nesse sentido — a chamada psicanálise dita do desenvolvimento —, o famoso ternário Criança/Selvagem/Mulher, um ternário carregado de preconceitos tão racistas quanto sexistas ou paternalistas. Mas não é preciso ser um grande estudioso para identificar que essa orientação se situa na dependência de uma ideologia científica — no sentido que Canguilhem e Althusser dão a essa expressão —, ideologia científica da qual Freud teve dificuldade para escapar: o evolucionismo. Não a teoria da evolução de Charles Darwin, mas sua degradação em ideologia, em *Weltanschauung* (visão de mundo) evolucionista.

Além disso, a história mostrará muito rapidamente que, se ela tinha uma função epistêmica ou didática, essa pseudo-hierarquia não tinha nenhum alcance clínico, na medida em que o dispositivo freudiano da análise não é inacessível nem para a criança, nem para o dito selvagem, e menos ainda para as mulheres, com as quais Freud aprendeu quase tudo!

Se ela não conhece e não saberia deixar lugar para a hierarquia essencialista que está na própria base de qualquer ideologia racista, a psicanálise, como todos os discursos na prática, isolados por Lacan, tem evidentemente uma estrutura dissimétrica. Mas, como para todo discurso, essa dissimetria (que encontramos na psicanálise) é uma dissimetria dos lugares e das funções relativas a esses lugares, que são, por definição, simbólicos, e não uma dissimetria real entre os sujeitos que, como variáveis, ocupam esses lugares.

Assim, eu diria que o racismo, como ideologia de naturalização, de hierarquização e de irreversibilidade das diferenças, se distingue em todos os aspectos da dissimetria constitutiva do discurso psicanalítico. É por isso mesmo que, aliás, o analista que advém como produto de sua análise, se ele se arriscar a ensinar, é da posição de analisando, e, sobretudo, que nada impede que um analista, se as contingências de sua existência o exigirem, se torne novamente um analisando.

Onde tocamos o que faz a questão da raça, da racialização e do racismo específica.

3. Chego agora ao que me parece ser a questão fundamental.

Se, como tudo isso que precede parece atestar, a psicanálise se encontra em exato lugar oposto à ideologia racista, como a primeira pode ser concernida pela segunda?

Antes de responder a essa questão difícil, eu diria primeiro que a antinomia da psicanálise e do racismo se deve a quatro razões.

Deve-se primeiro à ciência, ao fato de que a ciência rejeita o conceito de raça, e que se há um ponto sobre o qual Freud jamais renunciou: o fato de a psicanálise, que não tem uma concepção de mundo próprio, compartilhar a *Weltanschauung* científica.

Deve-se, então, à clínica psicanalítica, que recebe e trata os sujeitos um a um, sem discriminação de sexo, idade ou religião, e menos ainda de raça, que é uma categoria que não tem relevância em relação aos seus próprios conceitos, à sua técnica e aos seus procedimentos próprios.

Deve-se também à sua ética, que é uma ética do desejo, ética da diferença e ética do Bem-dizer, e de modo algum uma ética da percepção, da classificação ou da hierarquização.

Finalmente, tem a ver com a política, na medida em que a psicanálise não é apenas, como disse alhures, uma experiência clínica, epistêmica e ética. É também, e sobretudo, uma prática que visa à emancipação, emancipação que, sabemos, não seria verdadeiramente efetiva se ela só fosse válida para alguns.



Dito isso, acho que posso responder: se a psicanálise pode não interessar ao racismo e aos racistas, ela não pode ficar indiferente ao racismo, mesmo que seja indiferente à raça como tal.

E o que a torna concernida ao racismo está na história.

À sua própria história — a da propagação de seu discurso — e, em particular, à de seu encontro com a história da colonização — portanto, da dominação econômica e racial —, da descolonização e, atualmente, da pós-colônia.

Não há necessidade, creio, de convocar aqui Frantz Fanon — e seu famoso *Pele negra, máscaras brancas* —, Aimé Césaire, [e seu] *Discurso sobre o colonialismo* —, ou, mais próximo de nós, mais próximo de nosso questionamento, porque um psicanalista, Octave Mannoni, estimado aluno de Lacan — e as diferentes versões de sua *Psicologia da colonização*, até sua versão final: *O racismo revisitado. Madagascar, 1947*.

É o que resulta de todas essas histórias que se cristalizaram em nossa globalização/mundialização contemporânea, que tem como consequência que a psicanálise hoje seja desafiada e trabalhada pela questão racial — mais do que pela ideologia racista e pelas práticas sociais que ela informa —, como a psicanálise é interpelada pela questão social (a das classes) ou pela questão das sexualidades e das novas “parentalidades”.

Hoje, ainda mais do que ontem ou anteontem, a questão não é tanto saber se a psicanálise poderia ou não ter veiculado ideias racistas, ou saber se um praticante da psicanálise pode ser racista, mas fundar na razão e *in concreto* como a alternativa só pode ser a seguinte: psicanálise ou racismo. A escolha é exclusiva.

É a partir desse fundamento que a psicanálise — disciplina universalista, se houver — pode produzir, por um lado, um saber sobre o racismo — manifesto ou latente — e, por outro, trazer sua contribuição na luta contra o racismo em todas as suas formas.

Eu lhes agradeço.

## Referências bibliográficas

- Castoriadis, C. (1990). Réflexions sur le racisme. In C. Castoriadis. *Les carrefours du labyrinthe, 3, le monde morcelé*. Paris: Seuil.
- Césaire, A. (2020). *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta.
- Freud, S. (2011). Autobiografia. In S. Freud. *Obras completas* (P. C. de Sousa, Trad.) (Vol. 19, pp. 75-167). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Said, E. (2004). Freud e os não-europeus. In E. Said. *Fora do lugar: memórias* (1a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

**Recebido:** 01/06/2023

**Aprovado:** 15/06/2023